

EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA

- O termo grego *episteme* designa o conhecimento teórico fundamentado e elaborado com rigor. Opõe-se à *doxa*, o conhecimento comum, obtido sem reflexão, uma mera opinião.
- Em sentido estrito, o termo *epistemologia* designa a disciplina filosófica que estuda a natureza do conhecimento obtido nas diversas ciências. Identifica e avalia os métodos e o modo de operar de cada uma.. busca distinguir a ciência autêntica da pseudociência. Muitas vezes, a epistemologia é identificada com a filosofia da ciência, embora esta constitua um campo de investigação mais amplo.
- Em sentido amplo, o termo epistemologia equivale a teoria do conhecimento ou gnosiologia (do grego *gnosis*, “ação de conhecer”), a área de estudo filosófico sobre o processo de conhecer em geral.

Questões principais:

- O que é verdade? O que é o conhecimento? O que é conhecimento científico? Como se conhece? O que pode ser conhecido? Como saber se um conhecimento é verdadeiro? Existem ideias inatas?

FONTES DE CONHECIMENTO

Qual é a fonte, o ponto de partida do conhecimento? De onde se originam as ideias, os conceitos, as representações?

- De acordo com as respostas dadas a esse problema, destacam-se três correntes filosóficas:
 - **RACIONALISMO** (do latim *ratio*, razão) → conjunto de teorias que atribuem exclusiva confiança à razão humana como instrumento capaz de conhecer a verdade. **René Descartes** (1596-1650) foi um dos principais filósofos racionalistas; segundo ele, não deveríamos nos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão. Essa preferência pela razão se deve à compreensão, pelos racionalistas, de que a experiência sensorial é uma fonte permanente de erros e confusões sobre a complexa realidade do mundo. Assim, para eles, somente a razão humana, trabalhando de acordo com os **princípios lógicos**, pode atingir o conhecimento verdadeiro, capaz de ser universalmente aceito. Para o racionalismo, os princípios lógicos seriam **inatos**, isto é, já estariam na mente do ser humano desde o nascimento. Daí a razão ser concebida como fonte básica do conhecimento.
 - **EMPIRISMO** (do grego *empeiria*, experiência) → conjunto de teorias que defendem a tese de que todas as ideias humanas são provenientes da experiência e, em última instância, das **percepções sensoriais** (visão, audição, paladar, olfato, tato). Portanto, para os defensores do empirismo, não existem ideias inatas. **John Locke** (1632-1704), foi um dos principais teóricos empiristas; segundo ele, nada vem à mente sem ter passado antes pelos sentidos. Para ele, ao nascermos, nossa mente seria como uma **tábula rasa** (= um **papel em branco**), desprovida de qualquer ideia. As ideias viriam da experiência – que fundamentaria o **conhecimento** por meio de duas operações: a **sensação** e a **reflexão**.
 - **APRIORISMO KANTIANO** → teoria desenvolvida por **Immanuel Kant** (1724-1804), segundo a qual todo conhecimento começa com a experiência, mas a experiência sozinha não fornece o conhecimento. É preciso um trabalho do sujeito para organizar os dados da experiência. Assim, Kant buscou saber como é o sujeito **a priori**, isto é, **antes** de qualquer experiência. Concluiu que o ser humano possui certas faculdades ou estruturas (as quais chamou de **formas da sensibilidade e do entendimento**) que não apenas **possibilitam** a experiência, mas também **determinam** o conhecimento. Para Kant, portanto, a experiência fornece a **matéria** do conhecimento (os seres do mundo),

enquanto a razão organiza essa matéria de acordo com suas formas próprias, as estruturas existentes *a priori* no pensamento – daí o nome **apriorismo**. Isso significa que o sujeito é o centro do processo de conhecer, e não o objeto, motivo pelo qual essa teoria é também conhecida como **idealismo transcendental**.

CONHECIMENTO E VERDADE

Somos capazes de conhecer a verdade? É possível ao sujeito apreender o objeto? Quais são as possibilidades do conhecimento humano?

- As respostas dadas a essas questões levaram ao surgimento de três correntes filosóficas: **CETICISMO, DOGMATISMO e CRITICISMO**.
 - **CETICISMO** → que defende a impossibilidade de conhecermos a verdade;
 - **DOGMATISMO** → que defende a possibilidade de conhecermos a verdade;
 - **CRITICISMO** → que tenta superar o impasse criado pelas posições antagônicas anteriores.
- **VERDADE**: a palavra tem o sentido básico duma correspondência entre o que se pensa ou se diz e a realidade que se quer conhecer ou expressar. No entanto, quando os diversos filósofos que tratam da temática do conhecimento falam em “conhecer a verdade”, estão se referindo não só a esse sentido básico, mas também – e principalmente – à ideia de conhecer como o objeto é em sua **essência**, ou seja, sua **realidade intrínseca**. Trata-se de conhecer o **ser**, a realidade essencial e metafísica das coisas. Se, por exemplo, um pássaro parece azul para algumas pessoas e verde-azulado para outras, qual será a cor verdadeira desse pássaro? Será possível conhecer a verdade?
 - **DOGMATISMO** → uma doutrina é dogmática quando defende a possibilidade de atingirmos a verdade. Essa interpretação pode seguir duas variantes:
 - **Dogmatismo ingênuo** → confia plenamente nas possibilidades do conhecimento humano (predominante no senso comum). Não vê problema na relação sujeito conhecedor e objeto conhecido. Crê que, sem grandes dificuldades, percebemos o mundo tal qual ele é;
 - **Dogmatismo crítico** → defende a capacidade humana de conhecer a verdade mediante um esforço conjugado dos sentidos e da inteligência. Assim, confia que, por meio dum trabalho metódico, racional e científico, o ser humano torna-se capaz de conhecer a realidade do mundo.
 - **CETICISMO** → uma perspectiva é cética quando **duvida** da possibilidade de conhecermos a verdade ou **nega** essa possibilidade. Essa interpretação também pode seguir duas variantes:
 - **Ceticismo absoluto** → muitos consideram **Górgias** (c. 485-380 a.C.) como o pai do ceticismo absoluto. Ele defendia as seguintes ideias: o ser não existe; se existisse, não poderíamos conhecê-lo; e, se pudéssemos conhecê-lo, não poderíamos comunicá-lo aos outros. Outros estudiosos apontam **Pirro** (365-275 a.C.) como o fundador dessa corrente filosófica – por isso, é comum chamar o ceticismo de **pirronismo**. Pirro afirmava ser impossível ao ser humano conhecer a verdade devido a duas fontes principais de erro: os sentidos (podem induzir ao erro) e a razão (nossa inteligência é limitada).
 - O ceticismo absoluto despertou muita oposição. Seus críticos consideram-no uma doutrina radical, estéril e contraditória. Radical porque nega totalmente a possibilidade de conhecer. Estéril porque não leva a nada. Contraditório porque, ao dizer que nada é verdadeiro, acaba afirmando que pelo menos existe algo de verdadeiro, isto é, o conhecimento de que nada é verdadeiro.
 - **Ceticismo relativo** → nega apenas parcialmente nossa capacidade de conhecer a verdade. Ou seja, apresenta uma posição moderada em relação às possibilidades de

conhecimento se comparado ao ceticismo absoluto. Exemplos de perspectivas que manifestam um ceticismo relativo: o subjetivismo, o relativismo, o probabilismo, o pragmatismo.

- **CRITICISMO** → Teoria filosófica desenvolvida por Kant, constitui uma tentativa de superação do impasse criado entre ceticismo e dogmatismo, assim como o foi entre o empirismo e o racionalismo. A filosofia crítica acredita na possibilidade do conhecimento, mas se indaga sobre as reais condições nas quais esse conhecimento seria possível. Trata-se, portanto, duma posição **crítica** diante da possibilidade de conhecer. O resultado dessa postura leva a uma distinção entre o que o nosso entendimento pode conhecer e o que não pode. Ou seja, o criticismo admite a possibilidade de conhecer, mas esse conhecimento é limitado e ocorre sob condições específicas, apresentadas por Kant na obra “Crítica da razão pura”. Depois de Kant, muitos outros pensadores se debruçaram sobre o problema do conhecimento, trazendo novas contribuições a essa discussão.

Adaptado de: COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.